

Título: Somos pobres mas somos muitos
Autores: Fernando Ventura e Joaquim Franco
Editoras: Maria João Mergulhão
 Maria da Graça Dimas
Revisão: Sandra Vilanova
Paginação: José Teixeira
Capa: Melanie Schnell (Verso da Kapa)
Fotografia dos autores: Carlos Ramos – UMPONTOQUATRO
Impressão e acabamentos: Tipografia Lousanense, Lda.

1.ª Edição: Novembro de 2013
ISBN: 978-989-8406-82-8
Depósito Legal N.º 366122/13

© 2013, Verso da Kapa / Fernando Ventura e Joaquim Franco

Verso da Kapa • Edição de Livros, Lda.
Caçada Marquês de Abrantes 38, 1.º Esq. – Santos
1200-719 Lisboa
info@versodakapa.pt
www.versodakapa.pt

SOMOS POBRES MAS SOMOS MUITOS

Uma conversa sem rede nem preconceitos
sobre o Papa Francisco e o mundo

Frei Fernando Ventura e Joaquim Franco



verso de kapa

«Porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca» (Ap. 3, 16).

Esta é uma das muitas afirmações bíblicas que apontam o caminho que devem seguir os que se decidiram por Deus. Não são os caminhos que levam a todos os lados para nunca chegarem ao verdadeiro lugar, mas os que, por vezes muito estreitos e pedregosos, exigem maior esforço e tempo na caminhada. O Senhor destes caminhos é um radical e não um «meias tintas». Prefere ir à raiz das questões que roçar por elas. São, por isso, tão poucos os que optam por vias tão estreitas.

Ao ler *Somos pobres mas somos muitos* não se fica com a mínima dúvida de que os seus autores são da estirpe dos que escolhem caminhos de maior exigência. Eles sabem que o lugar de chegada é decisivo para a concretização do seu projecto de vida pessoal que «é ser gente com gente para que cada vez mais gente seja gente e nunca ninguém deixe de ser pessoa». Por isso, não são mornos nas questões que levantam e nas respostas que lhes procuram dar. Preferem «agitar as águas» a mantê-las estagnadas correndo o risco de se tornarem lodo fedorento. Só águas agitadas podem ser forças motrizes geradoras de novas energias e fontes de mais vida.

Este livro dá-nos conta de mais um diálogo entre dois homens, conhecedores profundos da realidade que os envolve por inteiro, corajosos, coerentes no pensamento, cheios de energia vital. Como Deus quer, não conseguem deixar ninguém indiferente.

Agradeço ao Joaquim e ao Frei Fernando pelo incómodo que me causaram. Deram-me mais força para continuar a sonhar que «outro mundo é possível», porque «a esperança mora no coração dos pobres».

Eugénio Fonseca, presidente da Caritas Portuguesa

Sem temores ou tibiezas, cortando a direito, os autores avançam neste texto com perspectivas nem sempre consonantes, em diálogos, em inquietações, em descobertas que sabem a luta e exploração do (seu e nosso!) mundo interior.

Para além da coragem de perguntar, de «dar nomes às coisas», de buscar pistas e sentidos nos caminhos – com e sem Deus –, há aqui a coragem de ser humilde e de aceitar que podem existir outras luzes distintas sobre a realidade reflectida.

E há a humildade de aceitar que, mais que tudo, é a figura do Papa que ilumina estas inquietações e reflexões, a partir das vivências dos autores. Esse será seguramente também um Bom Pilar, um Valor Seguro, que amamos, e que está para além de questionamentos aparentemente mundanos. Esse é também o valor deste livro.

Obrigada por ousarem. Obrigada por nos tornarem mais ricos com a partilha desta obra.

Isabel Galriça Neto, médica

*Em uma noite escura,
De amor em vivas ânsias inflamada,
Oh, ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Já minha casa estando sossegada.*

São João da Cruz em *Noite Escura* –
Primeira estrofe de *Canções da Alma*

Somos pobres mas somos muitos convida-nos à suprema humildade de nos deixarmos totalmente para trás, de nos esvaziarmos de nós mesmos, de nos fazermos livres para abrigarmos em nós os *muitos* próximos que nos rodeiam. Dá-se assim a «revolução dos afetos», porta de entrada para a terceira era anunciada por Joaquim de Fiori – a era do Espírito Santo – ou cantado pelo Padre António Vieira na sua *História do Futuro*, onde a unidade do Cristo será vivida na sua plenitude e a harmonia dos corpos será conseguida através da mais profunda empatia pelo outro.

Se prestarmos atenção às palavras que São Pedro de Alcântara dirige, em devoção plena, ao Criador no seu *Tratado da Oração e da Meditação* «Estavas dentro de mim e eu andava a buscar-Te fora», e ouvirmos, no presente, a oração que nos é feita pelo Frei Fernando Ventura e pelo Joaquim Franco nesta obra, entendemos que chegou o tempo de conjugar o *Verbo* na primeira pessoa, de sermos o *Verbo*, nesta era da responsabilidade de todos nós, esvaziados de nós mesmos, para que em profunda empatia nos enchamos dos nossos próximos, das suas dores e das suas causas, e encontrando aí desde já e para nós próprios um propósito nas nossas vidas.

Por fim, a tónica é colocada pelos autores na urgência da ação. Não porque terríveis momentos *apocalípticos* nos aguardem a todos, mas porque um novo e esperançoso futuro nos chama, num tom cada vez mais alto, onde algo mais nos será *revelado* e a *boa vontade* – expressão substantiva de Deus – será a única vontade decidida a exercer pelo Homem, por nós todos em comunhão, em unidade e em harmonia, num mundo convidado a largar toda a sua competitividade fratricida e a evoluir na mais bela simbiose fraternal. Ergue-se assim uma só voz, que nos vai sendo partilhada numa sábia e maravilhosa conversa entre dois amigos, que jamais deixará de vibrar nas nossas consciências até nos fazermos ao *caminho*.

João Gil Pedreira, economista

Fazer da Igreja uma comunidade de «comunidades de sim» é um repto tão imenso como essencial. Não é um sim a tudo, lamechas, «fofinho», que de tanto se preocupar em ser «amiguinho» de todos não toma posição por nada nem por ninguém. Um sim assim é invertebrado e falho da coragem de escolher caminhos. As comunidades de sim de que o mundo precisa têm que ser comunidades de não vigoroso a todas as indignidades e a todo o apoucamento das pessoas, têm que ser comunidades de não à transformação dos direitos das pessoas e dos povos em favores que se dão para evitar a explosão social, têm que ser comunidades de não à negação da participação adulta de todos os homens e de todas as mulheres em todos os patamares de serviço e de decisão. Só comunidades de não assim podem ser comunidades de sim, um sim inebriado ao fluir da vida, às suas mudanças inesperadas, à rutura com a ganga imensa de todos os códigos culturais datados.

Jesus foi assassinado por ter ousado dizer sim ao que a religião e a política mandava dizer não. Foi em nome da superação do sofrimento de cada homem e de cada mulher que Jesus combateu o não sisudo com um sim confiante. Mataram-no porque a confiança dá caminho à transformação e desafia a sisudez que se alimenta da manutenção de tudo como está, mesmo que o que está seja uma ofensa para a nossa convocação à alegria.

A revolução dos não violentos, obsessão belíssima que me irmana ao Joaquim Franco e ao Fernando Ventura, faz-se hoje do mesmo sim desordeiro que levou Jesus à cruz e levou tantos homens e tantas mulheres ao longo da História ao ostracismo, à perseguição ou mesmo à morte. É por isso que a comunidade das comunidades de sim é tão essencial: porque essa revolução decisiva far-se-á sempre contra o modo funcionário de viver de que falou Alexandre O’Neil.

«Nenhum outro tempo sentiu esta urgência como o tempo que é hoje; porque, definitivamente, hoje é o tempo de passar da lógica do poder à lógica do serviço; é o tempo de descalçar os sapatos *prada* e de voltar a calçar as sandálias do pescador, de passar da religião à fé, da sacramentalite à sacramentalidade, do orgulhosamente sós ao solidariamente com... da pompa e circunstância à essencialidade do “ser com”», dizem o Joaquim e o Fernando neste livro. E eu digo: «Ámen».

José Manuel Pureza, sociólogo e professor universitário

À Elsa, à Sara, ao Rui e ao Telmo
Aos nossos pais, família e amigos
A todos os que não desistem da Procura!

*Começa por fazer o que é necessário, depois o que é possível,
e de repente estarás a fazer o impossível.*

(frase atribuída a Francisco de Assis)

Agradecimentos

Ana Lourenço, António Neves, Frei Bento Domingues, Elsa Franco, Eugénio Fonseca, Isabel Galriça Neto, João Gil Pedreira, Jorge Gabriel, José Manuel Pureza, Pe. Manuel Morujão, Manuel Sobrinho Simões, Rui Ferreira, Telmo Filipe Henriques, OFS-Moçambique e *Alma Mater Artis*.

APRESENTAÇÃO

Sem medo das palavras, com o primado da liberdade e a cautela da consciência, este livro é uma conversa onde podem rever-se crentes e não-crentes, resistentes e desiludidos com os valores perenes e os fenómenos efêmeros, do país e do mundo, da religião e da política – porque a política e a religião estão também ligadas entre si e com tudo –, com os poderes que limitam e o serviço que constrói – porque, afinal, somos em «relação» numa procura permanente por um «encontro», em palavras discutidas ou em silêncios cúmplices. *Somos pobres mas somos muitos* não é uma seqüela de *Do Eu solitário ao Nós solidário*. Podia ser. Os autores são os mesmos. Mas, embora pareça, a conversa não segue as mesmas linhas. Na leitura tomam-se e retomam-se temas e preocupações num ritmo sem rede, conversando à frente sobre o que ficou por esclarecer atrás, ou lançando para a frente o que merece ser retocado. Sem índice ou capítulos. Porque «as conversas são como as cerejas». Frei Fernando Ventura e Joaquim Franco deixam-se levar pelas circunstâncias que os/nos rodeiam, com a preocupação da profundidade quando a superficialidade o exige, com um nome e um rosto como referência... Jorge Mario Bergoglio, que tinha uma história antes de ser Papa e como Papa tem marcado os dias recentes da História. Os autores cruzaram-se em Roma com a eleição de Francisco a pautar conversas nos passeios da Conciliazione, nos restaurantes e cafés do Borgo Pio ou nos directos televisivos. E foi ali, no enquadramento de um Conclave, que resolveram entrar em nova aventura editorial. Como se adiantava na apresentação de *Do Eu solitário ao Nós solidário*, «Joaquim Franco tem o pendor das perguntas sem fugir às ideias, Frei Fernando Ventura expõe as ideias sem fugir às perguntas. Os dois são cúmplices ao longo do texto. Há perguntas que o Frei Fernando faz e respostas que o Joaquim dá», numa dinâmica que, por vezes, não permite identificar quem interpela e quem é interpelado. Quem faz as perguntas também pode dar as respostas e quem responde também pode fazer as perguntas, porque houve ideias, encerradas em crónicas, cartas e artigos, que se soltaram para se transformarem num diálogo que só no fim clarifica o título. Os autores «assumem, nas perguntas e nas respostas, um papel que, não sendo ficcionado, é mais do que o reflexo do que cada um é. (...) Neste mundo de apreensões

e medos, mas também de esperança e oportunidades, (...) é o pensamento sem limites doutrinários ou teologias cortantes. Da filosofia à política. Do imanente ao transcendente. Do Homem a Deus.» Mas, sobretudo, do sonho com uma Solidariedade que se terá fatalmente de traduzir na Revolução dos afectos.

INTRODUÇÃO

Caro(a) leitor(a), atrevemo-nos de novo a vir até si. Assim, na simplicidade de quem se sente acolhido nas mãos de quem tem a bondade de nos ler e de conosco partilhar e «discutir», ainda que à distância, ideias que pretendem provocar outras ideias, desconstruir opiniões enquistadas e partir para novas sínteses feitas de teses e antíteses revisitadas, sempre em processo de devir.

Chegados ao fim daquela que é a primeira parte de uma reflexão a dois – *Do Eu solitário ao Nós solidário* – sentimos que era necessário ir mais longe no aprofundamento da reflexão que partilhámos com os nossos leitores.

Sinceramente, no início não tínhamos ainda ideias muito claras acerca do «como» dar continuidade ao projecto. Sentíamos, isso sim, que faltava dar mais um passo, que era preciso ampliar o espaço de reflexão iniciado e entendemos que era de avançar. *Do Eu solitário ao Nós solidário* é a nossa referência, e dizemo-lo assumindo que faltamos ao dever de humildade. Mas este novo livro não é, objectivamente, uma continuação. Quem sabe se não continuaremos? E que continuaremos na medida dos nossos possíveis sob esta ou sob outras formas. Mas ainda não é desta, e aqui estamos de novo, consigo, que tem a bondade de nos ler ou de nos voltar a ler, avisando, previamente, que *Somos pobres mas somos muitos*, não dispensa, não substitui nem quer complementar a leitura de *Do Eu solitário ao Nós solidário*.

Temos a consciência humilde e a humildade consciente de sabermos de certeza certa que não temos soluções para nada. Queremos, tão-somente, deixar o nosso contributo para o esforço que tem de ser de todos, para encontrar novos caminhos, descobrir novas e visitar velhas estradas, porque o futuro é nosso, porque a esperança não morre, porque estamos aqui.

É precisamente por nossa causa, de todos nós, – como já dissemos tantas vezes – que não podemos calar a esperança que mora no peito e no coração. No peito de um povo capaz de arrostar com os impossíveis. No coração de gente que teima em não desistir de ser gente para que nunca ninguém perca o direito à dignidade de ser pessoa.

Foi com tudo isto em mente e a partir de tudo isto, que depois de termos lançado o desafio da passagem da solidão à solidariedade, nos atrevemos a ir mais longe, em direcção, se calhar, à utopia e à poesia. Mas é por causa de certos prosadores de cordel que chegámos aqui e é por isso que nos atrevemos a ir, se calhar também, ao arrepio e ao contrapelo de um tempo que grita, bem alto, que a «revolução» mora aqui.

Aqui dentro, onde estou «eu», onde estás «tu», onde podemos estar «nós», não em solidão mas em solidariedade. E, já agora, em solidariedade de afectos capazes de arrancar definitivamente para a rua com a «revolução» dos não violentos, essa mesma de que falávamos no livro anterior, essa mesma que então «profetizámos» e que está aí, na rua, na estrada, nos bairros e nos caminhos. Aí, um pouco por toda a parte, um pouco por todo o lado. Onde abunda a pobreza e onde já espreita, e de que maneira, a miséria, nascem também os sinais de esperança, nascem e crescem também as redes de solidariedade, de um povo inteiro que se «organiza» e se dá conta da sua capacidade e poder real de mudar a história, de contrariar o destino, merecendo o Nobel que nos atribuíram. O Nobel de uma paz plena que ainda não há, mas que nos deram. Assim, de repente, deram-nos um Nobel. Oxalá nos pudessem dar também a Paz e o direito de viver na dignidade que nos tiram!

É esse direito que temos o dever de reclamar e o dever de conquistar. No início desta conversa alargada que deu origem a este novo livro, pairava nas nossas intenções, como já dissemos, dar continuidade ao título da nossa primeira aventura escrita. A este, que seria a sua continuação, queríamos chamar *Do Nós solidário, à revolução dos afectos*.

A ligação parecia-nos e parece-nos ainda absolutamente evidente e necessária em termos de continuidade de desafio. Alguém que é capaz de passar de uma solidão sozinha e «solteira» a uma realidade de ser e ter relação e relações redimidas e redentoras de solidariedade e de «Aliança», não pode senão fazer e viver uma revolução de afectos. E foi nesta linha que caminhámos e é no actual ponto de chegada desta revolução que nos encontramos, no meio de tanta e tantas revoluções a este nível já acontecidas e a acontecer, com incidência na vida de tantos revolucionários dos afectos da vida que estão a saber fazer diferente e a ter incidência na vida, na sua própria vida e na vida de tantos à sua volta. É a isto que chamamos uma co-incidência.

Já agora, registamos a co-incidência e a coincidência. Feliz coincidência que pode ajudar o(a) nosso(a) amigo(a) leitor(a) a perceber

o arranque desta nova aventura da(s) palavra(s). Resolvemos que era tempo de voltar à conversa no dia em que o mundo pôs os olhos numa chaminé. Bom, para sermos rigorosos, temos de corrigir. Foi no dia seguinte. Quando aquele adereço arcaico, no topo de uma capela, que fala pelas paredes sem ouvidos à escuta, revelou ao mundo um nome, transformando a perplexidade católica em espanto universal, um espanto que abriu a porta à esperança... Era Francisco!

JF – O que se passa num Conclave desaparece na fumaça de uma chaminé. Parcialmente fica depositado para memória futura nas prateleiras do Arquivo do Vaticano. Durante a «grave» decisão de escolher um Papa, o que cada cardeal eleitor pensa e diz na capela Sistina só será público se ele o entender, sob risco de excomunhão. Mas, durante e depois, muito se sabe sobre o que acontece naquela câmara de segredos. O que se disse nas Congregações Gerais que antecederam o Conclave de Abril de 2013 foi sendo conhecido pela comunicação oficial do Vaticano e por vozes mais ou menos indiscretas. As linhas de «orientação» do novo pontificado, definidas nas Congregações Gerais, foram sintetizadas na derradeira pregação¹ aos cardeais antes do resguardo sob os frescos de Michelangelo. O cardeal Prosper Grech referiu a necessidade de transparência e unidade na Igreja – entre os «extremistas ultratradicionalistas» e «ultraprogressistas» –, de erradicar a «todo o custo» o mal da pedofilia para evitar que o «resfriado» se transforme numa «pneumonia». Sublinhou a urgência de contrariar «sem artifícios» o laicismo e o «pensamento débil», lembrando que «a ação do Espírito Santo, alma da Igreja, transcende todas as análises sociológicas e previsões históricas».

Se, pela tradição da Igreja, é o Espírito Santo que ilumina os cardeais na escolha de um Papa, neste caso podemos dizer que a influência divina começou a revelar-se antes mesmo do Conclave. Como acontecera em 2005, o jesuíta Jorge Mario Bergoglio, estava na linha da frente da sucessão entre outros *papabili*, uns mais evidentes que outros. Não como preferido num qualquer *papaloto* ou casa de apostas, mas como resultado de uma ponderação de factos e factores.

Em vésperas de Conclave, na emissão especial da SIC Notícias a partir de Roma, apontava como desejável o caminho da América Latina. E falávamos do arcebispo de Buenos Aires como um nome a ter em conta. Havia sinais nesse sentido.

A Jorge Mario Bergoglio juntávamos Sean O'Malley, o Arcebispo de Boston, franciscano capuchinho, como figura que podia corresponder ao resultado de outra reflexão nos dias anteriores.

1. I. *Acta Apostolicae Sedis – Commentarium Officiale*, An et vol CV, N. 4-5, Palazzo Apostolico – Città del Vaticano, 2013, Libreria Editrice Vaticana; <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/2013/aprile-maggio2013.pdf>.

O que não estava no nosso horizonte expectável era a eleição de um jesuíta para ser um Papa que escolhesse o nome de... Francisco! Que momento foi este?

FFV – Penso que para quase toda a gente do mundo católico e não só, mas, naturalmente muito mais importante para o mundo católico, «quase» todos – dizia eu, sentiram como que, se de repente, uma luz nova começara a brilhar, ao jeito da profecia do capítulo 9 de Isaías: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz!»

Desculpa, se calhar, o exagero desde logo de colocar sobre os ombros deste Papa o fardo de ser o Messias, não é, – ele próprio se apressou a dizer que o não era e a agir exactamente nessa linha... e também não se trata aqui de atribuir culpas ou atirar pedras seja a quem for, nem muito menos considerar o magistério do último Papa como um tempo de trevas, mas a verdade, – e este sim penso que é um sentimento que todos partilhámos –, é que os últimos tempos estavam a ser marcados por uma sensação de peso, de «ensombramento» da esperança, um sentir de uma profunda angústia interior diante, por um lado, da onda avassaladora de escândalos de todo o tipo que diariamente saltavam para as páginas dos jornais, – numa orquestração perfeita em termos de ritmo e de evolução quase «novelística» que cada dia juntava mais um «aprofundamento» da história a ser narrada –, e, por outro, a sensação de uma cúria romana demasiado entretida consigo própria e sobre si própria, – numa auto-referenciação confrangedora-a tentar tapar os *leaks* que por toda a parte se iam abrindo, sem que se vislumbrasse um fim digno para tudo o que se ia percebendo a partir do exterior.

Mais como luta de poder e de poderes do que como acção missionária e evangelizadora...

...foi essa luta não disfarçada de poderes que mais escandalizou e foi como se encobrisse a esperança. Por isso falo desta sensação de «nova luz», de alívio, que todos sentimos diante do novo Papa que, com a normalidade normal de quem sempre foi gente com gente, se apresenta na simplicidade simples dos grandes, sem discursos feitos, mas com a coragem de pedir a ajuda de todos, porque a Igreja é responsabilidade e tarefa de todos os baptizados, não havendo por isso espaço nem lugar para privilégios «especiais».

De repente, naquela figura simplesmente vestida com o fato oficial sem adornos nem atavios de circunstância, estava uma alma franciscana, no corpo de um jesuíta, vestido de dominicano! Quem ali tínhamos diante de nós e o que ali tínhamos diante de nós, não era uma personagem de palco para consumo público – e para consumo do público – para responder a uma urgência de comunicação mediática, mas um homem igual a si próprio, igual ao que sempre tinha sido no seu ser padre, bispo e cardeal de Buenos Aires, que nunca teve tiques nem ademanes de poder nem de vaidade, mas que sempre havia pautado a sua vida por uma normalidade normal de relações, das tais solidárias dos afectos redimidos.

Por isso, importa sublinhar um gesto profético. A sua primeira «visita oficial» não foi como se disse a do «banho de multidão» do Rio de Janeiro, mas a do grito contra a indiferença que ele foi dar a Lampedusa, a ilha italiana onde chegam milhares de desesperados à procura da esperança. Mas voltemos um pouco atrás.

Como que em jeito de «ícone» reencontrado, naquele homem Bergoglio/Francisco que se apresentava à cidade e ao mundo, estavam reunidas três tradições fundamentais na vida e na missão da Igreja: a alma de Francisco de Assis na sua simplicidade de ser, a capacidade de comunicar com palavras inteligíveis de Domingos de Gusmão, e a tenacidade missionária de Francisco Xavier.

Neste «ícone» podemos encontrar o resumo de um programa de vida e de missão?

É evidente. E chegou o tempo, e é já, em que a Igreja precisa de reencontrar estas três colunas da sua História e, sobretudo, as suas intuições originais e «originantes», não para as «imitar» sem mais, mas para lhes dar continuidade e actualização. A palavra-chave não pode ser a da imitação, mas sim a do seguimento.

Por isso, foi essencialmente um momento de sobressalto feliz. Como bem recordas, na SIC Notícias «apostámos» – e fomos dos poucos a fazê-lo – numa eleição que não levasse à Sede de Pedro alguém ligado aos movimentos que nos últimos anos foram tomando assento nas estruturas de governo e influência do Vaticano. Muitos dos nossos colegas de profissão olhavam-nos de lado quando insistíamos na nossa «aposta», mesmo aqueles que tinham obrigação de ter juízo – imagina os outros...

A esperança estava colocada noutra sítio, claramente, fora do sítio, sendo por isso curioso, e sobretudo motivo de grande embaraço, o facto de logo a seguir à *fumata bianca*, a conferência episcopal italiana ter anunciado e saudado, na sua página oficial, a eleição do novo Papa... Angelo Scola! Foi uma *gaffe* gigantesca também ela *Urbi et Orbi*.

Muito se falou dessa *gaffe* nas horas seguintes...

Se falou! Nunca a página da CEI teve tantas visitas em tão pouco tempo. Mais embaraçante do que isto não era possível. Foi uma declaração *à cidade e ao mundo* do que era espectável em alguns ambientes e esses «ambientes», esses sim, ficaram perturbados.

Esperemos que o tempo dê tempo ao tempo, para que o tempo possa provar ao tempo que a novidade dos tempos novos impõe a novidade que, no tempo intemporal, é capaz de revelar a dimensão e eternidade do seu desafio, porque revela a intervenção do Espírito na História. Esperemos.

Nuntio vobis gaudium magnum, habemus Papam: Eminentissimum ac reverendissimum Dominum, Dominum Giorgium Marium, Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalem Bergoglio. Estava lá à frente, a poucos metros da *loggia*, quando o Cardeal Tauran anunciou o nome do eleito. A euforia, imensa euforia como é normal, não foi suficiente para disfarçar alguns rostos com «sorriso amarelo»...

Qui sibi nomen imposuit Franciscum! Depois do anúncio do nome, alguns desses rostos visivelmente decepcionados... começaram a corar e a embranquecer... de acordo com o fenómeno vagal que os sistemas simpático e para-simpático iam gerindo naquela aflição, as ligações sinápticas absolutamente agitadas e à procura dos seus equilíbrios electrostáticos e electrolíticos! Coisas de flato...

Depois da resignação de um Papa alemão, a eleição de um sul-americano. Um jesuíta que se fez Papa Francisco a pensar em Assis. Tremenda ironia da História e estranhas coincidências. Poucos dias antes do Conclave, víamos um homem nas imediações do Vaticano com um cartaz onde se lia «Francisco I Papa». Poucos ligaram. Fazia parte do habitual folclore católico. Se, antes do anúncio da

resignação de Bento XVI, alguém dissesse que isto ia acontecer, seria considerado um lunático desconhecedor da vida da Igreja. Não faltam vozes, mais ou menos paradoxais ou contraditórias, a ensaiar interpretações, um pouco como nós estamos a fazer...

Sim, foi curioso ver a reacção a quente de alguns «vaticanistas», que agora, vencido o espanto, tecem loas ao Papa Francisco e até fazem conferências, um pouco por toda a parte, a falar precisamente das «maravilhas» deste novo Papa. A falta de vergonha não conhece limites, de facto não. Na minha terra chamam-se lambe-botas... ou rolhas porque flutuam em todas as águas... o que é preciso é flutuar... Curioso de ver, dizia eu, foi a expressão de enfado e desencanto, não só nos rostos fechados, mas também nas palavras... assim caminha uma História às vezes aparentemente ao arrepio de si própria. Da terra da teologia, da libertação tão discutida, criticada e zurzida chegava alguém de quem se espera a libertação da teologia!

Por um lado, a boa imprensa e os elogios, sobretudo entre sectores, digamos, mais progressistas ou modernistas, desconhecendo, na maioria das vezes, o passado e o pensamento do Arcebispo Bergoglio, fazendo opinião a partir dos primeiros sinais desconcertantes de simplicidade e pelo facto de ser um Papa latino-americano. Por outro, a incompreensão inicial, as explicações ensaiadas a partir dos padrões mais tradicionalistas, com leituras e releituras dos primeiros gestos e das primeiras palavras, escrutinadas ao pormenor.

Sem dúvida. Uma das palavras-chave é precisamente essa: escrutínio. Por motivos e por motivações diferentes, nunca um Papa esteve debaixo de um esquadrinhamento tão grande. Uns à espera de algum deslize, outros a aguardar a confirmação das suas posições de sempre, outros ainda à espera de uma revolução copernicana, onde tudo possa mudar de um dia para o outro, ainda e sempre dentro das próprias expectativas.

De uma forma ou de outra, penso que todos sairão frustrados. Desde o início, o Papa Francisco deu-se conta deste perigo, «sou só o Bispo de Roma, aquele a quem cabe presidir à comunhão das Igrejas».

Ele é só alguém igual a si próprio. Não é o Messias, não vai poder mudar tudo sozinho, não vai, em meia dúzia de anos, transformar

decênios de expectativas às vezes tão contrastantes. Esperar demais é um perigo. Desresponsabilizarmo-nos a nós mesmos de ombrear com a tarefa proposta pelo Papa, cada um no seu âmbito e ao seu jeito, é ainda mais perigoso.

Mas deixa-me retroceder um pouco no tempo, para voltar a um cenário que para mim se tornou referência de «acontecimentos papais»; o aeroporto Francisco Sá Carneiro, no Porto.

De facto foi no aeroporto que soube da renúncia do Papa Bento XVI e no mesmo aeroporto, soube da eleição do nome escolhido pelo Papa Francisco, uma vez que regresssei a Portugal nesse dia.

Naquele célebre dia 28 de Fevereiro, ainda mal acordado da noite insone a preparar tudo o que tinha de levar comigo no périplo que me levou na companhia do meu Superior Geral à África do Sul, a Moçambique e ao Zimbabué, ainda mais do que meio a dormir, quando desesperadamente tentava equilibrar a mala e uma chávena de café – que acabou por terminar ingloriamente os seus dias no chão –, eis que toca o telemóvel (foi por causa disto que o café derramou e a chávena ficou em cacos...) e da TSF disparam à queima-roupa: «O que pensa da resignação do Papa?» Realmente àquela hora não são perguntas que se façam e muito menos respostas que se dêem. Com alguma dificuldade, lá consegui reagir e a primeira coisa que me ocorreu foi perguntar: «Mas renunciou a quê? Ou a quem?»

Deixou o mundo católico em perplexidade. Ouvi alguém dizer que se «assustou»! Esta afirmação revela ao ponto a que chegou a aparente dependência do mundo católico em relação ao Papa?

Sim, mas uma «dependência» que não tem de ser necessariamente má, mas que se e quando mal interpretada e vivida pode ser muito perigosa. Mais do que «dependência» no sentido de uma perda de liberdade eclesial, que jamais poderá existir, sob pena de se perder completamente o essencial da comunhão, do que se trata, e este Papa deixou isto bem claro desde o início, é o retomar da leitura de uma relação de unidade e de comunhão eclesial com o Bispo de Roma, na linha da mais pura tradição original da Igreja. Numa só palavra, o desafio é o da redescoberta e o do aprofundamento da sinodalidade da Igreja, feita da comunhão de Igrejas locais em comunhão com o Bispo de Roma, dando corpo à plasticidade geométrica proposta pelo

Concílio Vaticano II, à luz da qual todos nos encontramos equidistantes do centro que é Cristo Ressuscitado, cada um no seu lugar, no seu papel, na sua tarefa, na sua liberdade e na sua obrigação de ser, acima de tudo, «cidadão praticante».

Embora tenha já esclarecido que, ao apresentar-se com o primeiro título, o de Bispo de Roma, não estava propriamente a introduzir nada de novo², foi essa a ideia que se fixou nos primeiros dias de pontificado, a de que «Cristo é o centro, não o sucessor de Pedro», naquilo que pode ser entendido como um antídoto contra a tentação de alguma, chamemos-lhe, idolatria em volta da figura do Papa, e, ao mesmo tempo, como uma recuperação da colegialidade e uma abertura à díspar universalidade cristã, perdida no tempo romano. Na verdade, foi como «Bispo de Roma»³, que se dirigiu à multidão quando pediu e deu a bênção do povo, logo após a eleição. Francisco reconhece haver algo de ecuménico nesta forma de se apresentar, podendo favorecer um pouco o ecumenismo...

Foi logo o primeiro sinal, claro, daquilo a que eu chamo de «plasticidade» na concepção do papel do papado e da co-responsabilização de todos os homens e mulheres de boa vontade.

Deixa-me voltar ao aeroporto do Porto, só para terminar a história. Desfeitos os equívocos, lá me esclareceram as dúvidas para poder dar uma opinião à rádio. Era inaudito, pelo menos nestes termos, – os outros casos do passado tinham sido em contextos diferentes –, uma prova de lucidez, um gesto de coragem por parte de alguém, que diante do peso da doença e da mole imensa de problemas que tinha de enfrentar, humildemente saiu e abriu a possibilidade para que fossem encontradas novas soluções.

2. «O Papa é Bispo, Bispo de Roma; e porque é Bispo de Roma é sucessor de Pedro, Vigário de Cristo. São outros títulos, mas o primeiro título é “Bispo de Roma”, e daí deriva tudo. Falar, pensar que isso queira dizer ser *primus inter pares*, não; isso não é sequência daquele título» – Declarações de Francisco aos jornalistas em 28 de julho de 2013, na viagem de regresso a Roma depois da visita ao Rio de Janeiro.

3. «E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade» – Primeira saudação do Papa Francisco, varanda da Basílica de São Pedro, 13 de Março de 2013.

Foi um gesto de grande lucidez e um sinal inequívoco de alguém que não estava agarrado ao poder e que não se permitiria nunca chegar a momentos tais de debilidade física que não fizesse mais do que acentuar o ambiente reinante de tensão e de isolamento do Papa, o tal ambiente de escuridão que ameaçava fazer-se cada vez mais presente.

E que percurso, que imagem de Bento XVI fica na História? Não consigo deixar de recordar o que disse em 2005, dias após ter sido eleito, numa audiência, em Roma, com peregrinos alemães. Comparou a eleição a uma «guilhotina». Como se Deus tivesse deixado cair a lâmina sobre o seu pescoço. Para um homem sensível, de inquestionável desenvoltura intelectual, o que significaria esta linguagem metafórica. Se Deus «decapitara» Ratzinger, quem seria Bento XVI?

Quando Bento XVI usou a metáfora da guilhotina não fiquei muito contente. Aquela possível referência a Maria Antonieta não lhe ficava bem... depois o tempo foi dando mais sentido à metáfora. Bento XVI não conseguiu fazer descolar de si, completamente, o peso do papel que teve na Igreja o cardeal Ratzinger no controlo muitas vezes desapiedado de quem dava ainda que só pequenos sinais de «fugir da ortodoxia oficial», mas quando saiu, saiu como Papa e isto a História da Igreja nunca deixará de lho reconhecer. Trabalhei com ele na Comissão Teológica, e, ainda que não concordando sempre com as suas posições, sempre lhe reconheci e reconheço a craveira intelectual única e uma inteligência muito superior à média. Dele e dos meus contactos de trabalho com ele, guardo a memória do génio intelectual tímido, incapaz de olhar nos olhos o seu interlocutor, mas por timidez, quase que a pedir desculpa por estar ali. E quando inteligentemente percebeu que não podia realmente «ficar ali», foi embora, com a dignidade serena e a serenidade digna dos grandes gestos que marcam uma época e que marcam, neste caso, uma viragem epocal da concepção do próprio ministério papal.

Também por isso, o tempo de Bento XVI vai prolongar-se. Já muito, mas nem tudo, se disse do Papa Ratzinger. A resignação «dessacraliza» a figura do Papa com consequências a longo prazo. Outros afastaram-se, num passado longínquo, e o direito canónico prevê esta situação, mas Ratzinger é o primeiro que ousa resignar

de forma totalmente livre e reflectida, embora, claro, pressionado pelas circunstâncias...

Exactamente, e não é correcto fazer comparações entre pontificados. Os tempos históricos são diferentes como diferentes são as circunstâncias de vida de cada um dos homens que assumiram a liderança da Igreja Católica.

Foi tão corajoso o místico atleta polaco, como lúcido foi o cerebral professor alemão...

...e curiosamente dois homens ligados às artes nobres; João Paulo II o homem do teatro, Bento XVI o homem da música. Ouvimos muita gente falar da vida do Papa, do seu pensamento e da sua obra, sem perceber o mundo de circunstâncias que o rodeiam e que o rodearam. No antes, no durante e no depois... Enquanto ser humano, enquanto «sujeito histórico», tal como qualquer outro ser humano nasce na e da sua história e é nesse contexto e dentro desse contexto que tem de ser lido e entendido, tal como qualquer um de nós, nas suas coisas grandes e grandiosas e nos pequenos detalhes que nos acomunam e nos fazem sentir realmente parte da mesma humanidade na busca da gestão dos pequenos e grandes afectos, dos pequenos e grandes conflitos, gostos e desgostos, dos pequenos nada de que a vida é feita, da *Fanta laranja* com que Bento XVI muitas vezes acompanhava as suas refeições à «gula» mais do que parcimoniosa do pequeno cálice de Porto com que gostava de digerir os repastos sempre frugais e simples de cada dia.

Bento XVI confessou um dia não ter descoberto a vocação como se de um raio fulminante se tratasse, um chamamento episódico. Goste-se ou não das suas ideias, até porque não deixou de se ouvir, durante o seu pontificado, a contestação ao conservadorismo doutrinário e à centralização romana, Ratzinger teceu uma importante rede de pensamento com o novelo intrincado da Razão e o fio condutor da Fé, como duas dimensões inseparáveis na experiência religiosa e, simultaneamente, padrões de uma cultura que não prescinde da análise, da maturação racional. Do alto da sua reflexão elaborada, mas pragmaticamente simples, ensaiou algumas «pontes». por dentro e para fora, equivocando-se julgando que só isso bastava.

Noutra perspectiva, em oito anos nunca deixou a via do pensamento autónomo, arriscando gerar alguma confusão entre o intelectual académico e o pontífice, porque são, afinal, uma e a mesma pessoa, chamados a fazer... «pontes».

E os problemas começaram a avolumar-se precisamente quando sobre as «pontes» alguém ou vários «alguéns» começaram a erguer os seus muros de protecção. De repente deixou de haver caminho para diante. A única via de saída era aquela. Por isso deixa o pontificado e remete-se ao silêncio. Agora, mais do que nunca, as suas palavras estariam sujeitas a um escrutínio oportunista. Tinha chegado a altura de deixar o silêncio falar. Como quer que seja, se há alguma coisa a reter do pontificado de Bento XVI, é sem dúvida o esforço nem sempre compreendido e mais do que muitas vezes difundido de forma errada, de trazer à discussão do mundo intelectual os grandes temas da fé, da razão, do diálogo entre ciência e fé que, estejamos ou não de acordo com as conclusões a que muitas vezes chegou, marcou indelevelmente toda a sua actividade de pensador e de pastor. É a ele, e só a ele, que se deve, por exemplo o trabalho que foi proposto à Comissão Teológica Internacional, para produzir um documento pastoral para dar resposta às inquietações de fé dos pais católicos cujos filhos morreram sem o baptismo. A preocupação primeira foi precisamente a do pastor preocupado em procurar respostas para o drama de tantas famílias. A intenção era muito boa. O resultado, foi o possível perante os condicionalismos da tradição agostiniana e tomista, que não permitiu ir até ao limite do possível, mas que, mesmo assim, representou um passo para diante³ Bento XVI sentiu que era necessário ir mais longe, mas o contexto pessoal e ambiental não lho permitia.

Voltamos à metáfora da «guilhotina»...

... a palavra «guilhotina» neste contexto, não me choca irremediavelmente, porque foi o próprio cardeal Ratzinger que a utilizou. Mas mais do que uma guilhotina, eu diria que se fechou o pano de cena. Era absolutamente necessário mudar os actores e começar a escrever um novo guião, escrito precisamente por alguém que tivesse plena liberdade de escrita e que pudesse deixar completamente claro para todos